

**Neill Lochery. *Lisbon: War in the Shadows  
of the City of Light, 1939-1945.*  
New York: Public Affairs, 2012 (2011)**

*João Paulo Ascenso Pereira da Silva*  
(NOVA FCSH/CETAPS)

Com a presente recensão temos por objectivo proceder a uma apreciação sumária da obra *Lisbon: War in the Shadows of the City of Light, 1939-1945* (2011), do consagrado historiador britânico Neill Lochery, Professor Catedrático no University College, London, onde é especialista em Estudos sobre o Mediterrâneo e o Médio Oriente (mais precisamente Hebrew and Jewish Studies). Sabemos igualmente que o autor, de origem escocesa, se doutorou na Universidade de Durham e esteve ao serviço do British Council, em Lisboa e Coimbra, na década de oitenta do século passado, datando desse período o seu conhecimento da língua e cultura portuguesas e o início da sua paixão por Portugal.

A partir de 2011 verificou-se, de facto, uma viragem no seu campo de pesquisa, tendo, desde então, publicado quatro volumes inteiramente dedicados à história contemporânea portuguesa, nomeadamente ao período compreendido entre a Segunda Guerra Mundial e 2017. Duas destas obras estiveram na origem de exposições realizadas, respectivamente, em Lisboa, no ano de 2012, na senda da publicação de *Lisbon*, e na cidade do Porto, em 2022, na sequência do lançamento do volume *Porto: Gateway to the World*. Por seu turno, ambas as

mostras dariam origem à publicação de catálogos, de grande interesse do ponto de vista textual e, sobretudo, fotográfico e iconográfico.<sup>1</sup> O autor, confessadamente um apaixonado por Portugal, partilha o seu tempo entre Londres, Lisboa e os Estados Unidos.

Poderemos considerar que este conjunto de seis trabalhos dedicados à história contemporânea do nosso país, todos eles traduzidos para português, se inscrevem numa vertente lusófila do seu percurso enquanto académico e autor, revestindo-se do maior interesse para todos os interessados no campo dos Estudos Anglo-Portugueses:

*Lisbon: War in the Shadows of the City of Light, 1939-1945*. New York: Public Affairs, 2011. (Trad. Portuguesa: *Lisboa: a Guerra nas Sombras da Cidade-luz, 1939-1945*. Lisboa: Presença, 2011. Tradutor: Alberto Gomes)

*Lisboa: Bottleneck of Europe 1939-1945 / Lisboa: Centro da Europa na Segunda Guerra Mundial – 1939-1945*. Lisboa: Câmara Municipal, 2012. Catálogo de exposição. (Trad. Isabel Lucas)

*Outside Looking in: City of Light, 1933-1974*. Lisboa: Presença, 2013. (Volume publicado, numa primeira instância, em versão portuguesa de Manuel Alberto Vieira e Alberto Gomes, sob o título: *Lisboa: a Cidade Vista de Fora, 1933-1974*. Lisboa: Editorial Presença, 2013.)

*Out of the Shadows: Portugal from Revolution to the Present Day*. London: Bloomsbury, 2017. (Trad. portuguesa: *Portugal Saído das Sombras: da Revolução de 1974 até ao Presente*. Lisboa: Editorial Presença, 2017. Trad. Alberto Gomes e Manuel Alberto Vieira)

---

1. O catálogo alusivo à exposição que decorreu em Lisboa, em 2012, na sequência da publicação de *Lisbon*, em 2011, contém textos da autoria de Lochery e de António Costa, então Presidente da Câmara de Lisboa e anfitrião deste evento. A exposição, de que a mulher de Lochery foi curadora, decorreu no torreão poente do Terreiro do Paço, tendo, pela sua qualidade e novidade dos documentos em exposição, merecido a visita de cerca de 14.000 pessoas. Prevista para durar apenas um mês, acabaria, pelo seu êxito, por ser alargada por mais três semanas do que o inicialmente planeado. O título do respectivo catálogo, em edição bilingue, é: *Lisboa: Bottleneck of Europe 1939-1945* (2012), contendo sobretudo reproduções de dezenas de fotografias. A segunda destas exposições, intitulada *1941: Guggenheim and Fleming, Artists & Spies in World War II Portugal / 1941 – Guggenheim e Fleming, Artistas & Espiões na II Guerra Mundial*, decorreu em 2022 na cidade do Porto, com o patrocínio da Câmara Municipal, surgindo na sequência da publicação do seu último livro dedicado a Portugal, mais precisamente à sua nova paixão, a cidade do Porto. O respectivo catálogo, publicado pela Leya em 2021, numa edição bilingue, contém cerca de 100 fotografias e reproduções dos documentos mais recentemente utilizados pelo autor como suporte das suas últimas publicações.

- Porto: Gateway to the World*. London: Bloomsbury, 2020. (Trad. portuguesa: *Porto: a Entrada para o Mundo*. Alfragide: A Casa das Letras, 2020. Trad. Ana Filipa Oliveira)
- 1941: *Guggenheim and Fleming, Artists & Spies in World War II Portugal / 1941 – Guggenheim e Fleming, Artistas & Espiões na II Guerra Mundial*. Alfragide: Leya, The Lochery Project, 2022. Catálogo de exposição. (Trad. Pedro Branco)

Na obra sobre a qual nos pretendemos brevemente debruçar, Neill Lochery, num registo fluente, acessível e conciso, reconstitui e descreve o ambiente vivido entre 1939 e 1945 em Lisboa e na costa do Estoril, naquela que viria a tornar-se a nova cidade-luz (a segunda ou verdadeira Casablanca, que serviria de inspiração à longa-metragem de Michael Curtiz, estreada em 1942<sup>2</sup>), quando o *blackout* mergulhou Paris e a Europa na escuridão da guerra e das perseguições, e em que multidões de exilados procuraram na capital portuguesa um refúgio temporário e um lugar num navio ou no *Clipper* da Pan American, que os levasse até aos Estados Unidos ou, eventualmente, até à Palestina.

Trata-se de um trabalho do domínio da historiografia, assente numa aturada investigação realizada, sobretudo, nos arquivos de Lisboa e Cascais (nomeadamente na Torre do Tombo), nos National Archives de Londres, nos Estados Unidos, respectivamente no United States Holocaust Museum e nos United States National Archives, em College Park, Maryland, e, finalmente, no Rio de Janeiro, tendo o autor alegadamente consultado e reunido um total de 50.000 documentos (manuscritos, dactilografados e impressos), muitos deles inéditos, grande parte dos quais viria a visitar e reutilizar nos seus volumes subsequentes dedicados a Portugal.

O volume em análise está longe de constituir um ensaio puramente académico, destinado a um público restrito. Aquilo que Lochery constrói e nos oferece é uma autêntica “narrativa de viagem”

---

2. V. Lochery, 1.

a um passado recente, com características que por vezes nos recordam algumas das fontes a que o autor alegadamente também recorreu na sua pesquisa (romances históricos, narrativas autobiográficas e de viagem, diários, cartas, peças jornalísticas), tornando-se a leitura do seu texto acessível e agradável. O trabalho de Lochery, que se encontra mais próximo da história social, cultural e do quotidiano do que da história política e diplomática ou de um registo factual e analítico, excessivamente árido para o leitor comum, consegue eficazmente cativá-lo através de uma perfeita reconstituição dos ambientes e atmosferas<sup>3</sup> de Lisboa (9-11) e da costa do Estoril, cenário em que se movem as mais diversas personagens históricas (diplomatas, espões, agentes de polícias políticas, contrabandistas e traficantes, VIPs, artistas e cabeças coroadas de toda a Europa, em busca de exílio) e em que Oliveira Salazar com a sua linha política autoritária, mas sinuosa e ambivalente, através da qual procurava satisfazer a um só tempo as potências do Eixo e os Aliados, constitui o actor principal e o fio condutor. (14-15) Nessa medida, as estratégias narrativas adoptadas por Lochery, que atribuem ao ditador uma completa centralidade, subalternizando as restantes personagens (quer sejam elas portuguesas ou estrangeiras), recordam igualmente, em determinadas passagens, aquelas que atribuímos às biografias “romanceadas”.

Somos, deste modo, confrontados com um estilo, técnicas narrativas e um registo discursivo atraentes, mas que divergem conjuntamente do cânone de uma historiografia puramente académica, pelo carácter ligeiro do discurso, que por vezes se reveste de uma certa ironia. Não podemos igualmente esquecer que *Lisbon* se transformou, no próprio ano em que foi lançado, num *best-seller*, em termos globais, tendo conhecido edições em Portugal, Brasil, Espanha e América Latina, Polónia, Austrália e Nova Zelândia e uma recepção entusiástica por parte da crítica, em todas as latitudes. Neste volume, o registo historiográfico dilui-se nalguns momentos num tom algo ficcionalizante e romanesco, em que o historiador assume, em paralelo,

---

3. Lochery recorre a esta estratégia de reconstituição de ambientes e locais, procurando talvez torná-los tangíveis e verosímeis.

o estatuto de narrador onisciente. Nesta medida, recorre à sua imaginação no intuito de colmatar lacunas, sobretudo para descrever a corrente de pensamento da sua personagem principal (Salazar), revelando a sua intimidade e tornando-o mais humano, indo muito para além de toda a informação que as fontes, incluindo o diário do ditador, lhe poderiam oferecer. (183-184)

É este o registo em que o autor enceta ou conclui alguns dos 30 capítulos em que se encontra estruturada a sua obra e que abrem, no geral, caminho a trechos efectivamente sustentados na documentação consultada, cujas datas são apenas mencionadas no corpo do texto, sem que, todavia, o leitor sinta nas mesmas qualquer dissonância ou obstáculo, parecendo diluir-se num todo construído e concebido harmoniosamente. Neill Lochery parece nalguns aspectos (e sobretudo pelo seu registo irónico e o recurso pontual ao “discurso relatado”) afastar-se em determinados momentos de uma historiografia canónica para se aproximar de uma “metaficção histórica,” reivindicando um espaço de liberdade criativa e interpretativa característico da “Nova História,” tal como é definida por teóricos como Hayden White, Linda Hutcheon ou Douwe Fokkema.

Importa a tal propósito registar que neste volume todo o aparato crítico tenha sido remetido para o final da obra e que o autor tenha evitado introduzir citações no corpo do seu texto ou destacadas, limitando-se a efectuar paráfrases livres e sínteses dos documentos em causa, remetendo os interessados para as referências agrupadas no final da obra,<sup>4</sup> todas elas muito abreviadas. Esta técnica narrativa utilizada no geral pelo autor poderá ter-lhe sido imposta (ou não) pelos editores, no intuito de obterem a recepção mais favorável possível entre os leitores, sobretudo de um segmento do público não académico (objectivo primordial da historiografia *light* ou *best seller* e de boa parte das biografias publicadas no mundo anglo-saxónico).

Importa, por outro lado, destacar que, nas últimas duas a três décadas, não foi apenas em Portugal que o número de trabalhos

---

4. Remetendo basicamente apenas para o nome do arquivo, fonte e documento e, noutros casos, para o autor de um volume e paginação.

de investigação alusivos ao Estado Novo e ao nosso país durante a Segunda Guerra Mundial veio a crescer significativamente, sobretudo após ter sido oferecida aos historiadores a possibilidade de acederem ao arquivo Salazar, ao seu Diário, bem como ao arquivo da PIDE/DGS. Nos Estados Unidos, mas igualmente na Grã-Bretanha, o número de publicações que aludem ao papel de Portugal na época é impressionante. Destacaremos, entre outras, a monografia do americano Ronald Weber, professor universitário na University of Nôtre Dame, que lançou, no mesmo ano que Lochery, um volume em termos gerais semelhante nos seus objectivos a *Lisbon*, intitulado *The Lisbon Route, Entry and Escape in Nazi Europe*,<sup>5</sup> e que quase o replica de forma especular. Trata-se, porém, de uma obra cujo objectivo não é unicamente a divulgação, mantendo-se muito mais fiel a um registo académico, e oferecendo nalguns planos, nomeadamente na questão dos refugiados e da sua passagem por Lisboa,<sup>6</sup> bem como na análise dos destinos de Portugal a partir do final da Guerra, uma perspectiva mais rigorosa, exaustiva e ambiciosa.

Ambas as obras são de extrema importância para o campo dos Estudos Anglo-Portugueses, já que toda a abordagem do período histórico em epígrafe é efectuada tendo como pano de fundo a promessa de Salazar em respeitar a Velha Aliança, invocada pelo Reino Unido em contexto de guerra generalizada na Europa, e o compromisso do ditador em manter uma posição de neutralidade possível (que se revelaria com o passar do tempo cada vez mais flexível), procurando, sobretudo a partir da invasão da França, evitar antagonizar qualquer uma das partes beligerantes, num contexto inicial em que a Alemanha e as forças do Eixo se encontravam em notória vantagem e próximas de uma eventual vitória. Deste modo, grande parte do volume assenta numa descrição dos jogos de poder e de influência que ocorriam em território português e de sucessivos episódios em que diplomatas, espões e agentes secretos agiam nos bastidores, no intuito de convencer Salazar a decidir-se em favor de uma das potências beligerantes.

---

5. Lanham, Maryland; Plymouth, United Kingdom: Ivan R. Dee, 2011.

6. Identificando-os e dedicando-lhes uma abordagem mais individualizada.

No início do volume o ditador é apresentado, recorrendo a várias fontes (nomeadamente David Eccles,<sup>7</sup> Malcolm Muggeridge<sup>8</sup> ou Christine Garnier<sup>9</sup>), como o mais belo ditador da Europa e, entre os ditadores europeus, aquele que, através do seu zelo, frugalidade e inteligência soubera resgatar o seu país do caos económico e político, lugares-comuns que facilmente são encontrados nos relatos de viagem britânicos datados das décadas de 30, 40 e 50 (V. John Gibbons, Ralph Fox, Ronald Bodley e Roy Campbell). Lochery, num tom de algum sarcasmo, não deixa de aludir aos seus hábitos quotidianos e ao seu viver espartano, ao seu fervoroso apego ao Catolicismo, referindo-se igualmente, com ironia, a algumas das personalidades mais influentes na sua vida, nomeadamente o Cardeal Cerejeira e Dona Maria de Jesus, bem como a algumas das suas mulheres. Contudo, o autor não deixa, logo em seguida, de pôr em dúvida a natureza original das suas políticas económicas e a autenticidade dos dados económicos então disponíveis, tendo em conta tratar-se de um regime autocrático, em que o ditador chegaria a centralizar nas suas mãos diversas pastas a par do cargo de Presidente do Conselho, nomeadamente as dos Negócios Estrangeiros e das Finanças. Assim, enquanto algumas fontes como o Foreign Office o caracterizavam em tom laudatório como: “Salazar the Man [...] having the shrewdness and parsimonious habits of the peasant; the native caution of the village dweller who mistrusts the prattle of the marketplace and the motives of others; and the cold detached outlook of the scholastic church man who has been to appraise the puppet show of human endeavor sub specie aeternitatis [...]” (18) e o General Franco, em entrevista ao jornal *Le Figaro*, o designava como “[t]he most complete statesman, and one most worthy of respect, that he had known [...]”, (19) certo é que, não obstante tamanho sucesso, a maioria da população estava longe de se encontrar bafejada pelo desenvolvimento social e

---

7. *By Safe Hand: The Letters of Sybil and David Eccles, 1939-1942*. London: The Bodley Head, 1983.

8. *Like It Was: A Selection from the Diaries of Malcolm Muggeridge*. London: Collins, 1981. *Chronicles of Wasted Time: An Autobiography*. Vancouver: Regent College Publishing, 2006.

9. *Férias com Salazar*. Lisboa: Parceria A. M. Pereira e Grasset et Fasquelle, 1952. *Salazar in Portugal: An Intimate Portrait*. New York: Farrar, Straus and Young, 1954.

económico aparente, traduzido na imponente fachada da política de obras públicas.

No capítulo II, Lochery passa a explicar sumariamente as razões que levariam Salazar, em Outubro de 1939, a considerar que, dada a fragilidade das forças armadas portuguesas, a sua incapacidade de fazer frente a um poderoso exército como o alemão e a ausência de apoio militar eficaz por parte do Reino Unido, a neutralidade seria a melhor das soluções para salvaguardar a integridade de Portugal e do seu império. Nesse mesmo discurso, proferido diante da Assembleia Nacional, Salazar prometeria não tirar partido económico dessa neutralidade e transformá-la futuramente numa fonte de lucro. (20-21)

Como é óbvio, os desafios políticos, económicos e diplomáticos iriam dentro em breve pôr à prova a neutralidade de Salazar, transformada num conceito bastante versátil, e levaria, a breve trecho, os Aliados a mudarem drasticamente a sua opinião acerca do ditador que, para todos os efeitos, passaria a ser encarado como um *double dealer* (108-117) e uma personalidade pouco fiável, cujas decisões, no que respeita sobretudo a exportação de volfrâmio, conheceriam constantes flutuações, conforme os destinos do conflito se iam decidindo nas diferentes frentes de guerra. Temendo, através de uma atitude drástica de bloqueio das exportações daquele mineral estratégico, uma invasão terrestre alemã da Península Ibérica ou uma invasão conjunta de Portugal pela Alemanha em aliança com a Espanha, Salazar irá, inadvertidamente, converter Lisboa num ninho de intrigas internacionais e de conflitos de bastidores, situação agravada pelo fluxo de refugiados que, sobretudo entre 1940 e 1941, transformaria a pacata e provinciana capital portuguesa numa cidade cosmopolita, (38-39) na nova centralidade europeia, onde nos cafés e nas ruas se escutavam os mais diversos idiomas e onde agentes da Gestapo, da PVDE, dos serviços de informação britânicos e de diversas agências humanitárias, que procuravam resgatar refugiados judeus e não judeus, se movimentavam e cruzavam.

A situação das dezenas de milhares de refugiados chegados em 1940, no preciso momento em que a Exposição do Mundo Português era inaugurada com pompa e circunstância na luminosa Lisboa,



provocada em larga medida pela decisão *in extremis* do cônsul de Portugal em Bordéus, Aristides de Sousa Mendes, em conceder vistos de entrada em Portugal a refugiados judeus, bem como pela acção das agências humanitárias, viria a breve trecho a pôr de novo à prova a neutralidade de Salazar, que ordenaria à PVDE uma atitude vigilante, face a dois factores que assustavam nitidamente o ditador: a possibilidade de entrada em Portugal de agentes subversivos, nomeadamente comunistas, cuja acção poderia revelar-se perigosa para a estabilidade do regime, e o desagrado que a presença de tamanho número de refugiados causava na Embaixada Alemã e em Berlim. A postura de frieza e distância de Salazar em relação à perseguição dos judeus pela Alemanha, que se traduziria na frase – “trata-se de um assunto interno alemão, com o qual Portugal nada tem a ver”<sup>10</sup> (51) –, geraria enorme celeuma entre os Aliados, que vinham gradualmente a manifestar a sua insatisfação face ao avolumar de suspeitas de anti-semitismo e simpatia pelas forças do Eixo que recaíam sobre o ditador. Tais conjecturas ficariam a dever-se à forma como o Presidente do Conselho e Ministro dos Negócios Estrangeiros decidiria castigar Aristides de Sousa Mendes e, mais tarde, o Embaixador de Portugal em Londres, Armindo Monteiro, suspeito de favorecer excessivamente os interesses britânicos e de aspirar substituir Salazar nos destinos do país.

No que respeita às agências humanitárias<sup>11</sup> que procuraram acompanhar os refugiados nos seus aventurosos e dramáticos percursos que os levariam à capital portuguesa, Lochery refere apenas a mais conhecida, a Emergency Rescue Committee, organização privada, sustentada por judeus norte-americanos milionários e apoiada politicamente por Eleanor Roosevelt, cujo coordenador na Europa foi Varian Fry, responsável por conduzir uma lista de muitas centenas

---

10. Paráfrase e tradução de nossa autoria.

11. V. igualmente Unitarian Service Committee, International YMCA, International Red Cross, Hebrew Immigrant Aid Society, The American Jewish Joint Distribution, American Friends Service Committee, Catholic Relief Services, HICEM. Todas estas organizações operavam em Lisboa, procurando mitigar as dificuldades em que se encontrava a maioria dos refugiados, encaminhando-os com a maior celeridade possível para os Estados Unidos.

de artistas, intelectuais e figuras públicas do sul de França até Lisboa. Lochery destaca, entre outras personalidades, Peggy Guggenheim e a sua *entourage* (em que se destacava o seu companheiro, Max Ernst), o pintor Marc Chagall e escritores como Arthur Koestler ou o resistente anti-nazi Berthold Jacob e a sua mulher. São estas as personalidades e casos paradigmáticos eleitos por Lochery, cujos destinos detalhadamente descritos viriam a divergir após a chegada a Lisboa, sendo bem representativos das profundas clivagens sociais que separavam aqueles que tinham a sorte de chegar à capital portuguesa incólumes. Assim, enquanto Peggy Guggenheim e Ernst seguiram, ao cabo de algumas semanas de espera, no *Clipper* da Pan Am,<sup>12</sup> com destino a Nova Iorque, Arthur Koestler, escritor de origem húngara que viria a obter a nacionalidade britânica, passaria pelas mãos da PVDE e por uma prisão inglesa onde ficaria internado e seria interrogado, após a sua chegada à Grã-Bretanha, até ser determinada a sua identidade e objectivos. Quanto ao casal Jacob, é sabido que, apesar de todos os esforços despendidos por Fry, Berthold acabaria por ser capturado pela PVDE, numa acção conjunta com um agente da Gestapo, tendo sido raptado e levado para Espanha, onde viria a desaparecer.

É difícil contabilizar ao certo o número de cidadãos estrangeiros que atravessaram a fronteira portuguesa e permaneceram no gargalo da Europa, em estadas mais ou menos longas, durante os anos da Guerra, mas certamente será bem mais elevado do que aqueles que viriam a receber os vistos passados por Aristides de Sousa Mendes, havendo estudos que apontam para centenas de milhares. É o caso de autores como David Wyman e Michael Marrus que apontam para cerca de 100.000, ou ainda de Douglas Wheeler, que obviamente pecando por excesso, situa este número em um milhão. (Weber, 13, 309) É deste modo que Arthur Koestler, autor da expressão “gargalo da Europa”, descreve a realidade dos refugiados na capital

---

12. Ligação de hidroavião da Pan American, que inicialmente unia Nova Iorque ao sul de França, com escala na ilha do Faial, nos Açores, e em Lisboa e que, após a invasão da França pela Alemanha, passaria a ter o seu *terminus* na capital portuguesa. Tratava-se de uma ligação regular de elevada qualidade, à qual apenas os mais afortunados tinham acesso. O estuário do Tejo servia de pista de aterragem a estes aviões anfíbios.

portuguesa: "Lisbon was the bottle-neck of Europe, the last open gate of a concentration camp extending over the greater part of the continent's surface [...]. And the procession of despair went on and on, streaming through this last open port, Europe's gaping mouth, vomiting the contents of her poisoned stomach." (*Scum of the Earth* 275, 279)

A crescente suspeição de *double dealing* (entendendo-se como tal duplicidade, falsidade e traição) viria a macular a reputação de toda população portuguesa e, nomeadamente, dos lisboetas, que, tal como o ditador, procuravam em pequena escala fazer negócio com os refugiados. (91) Em desespero, no intuito de conseguirem um alojamento temporário ou de obterem meios de sobrevivência, passagens para um navio ou os favores da polícia política, muitos foram aqueles que venderam todos os bens e valores que possuíam ou recorreram mesmo à prostituição.

Tal prática parecia então contaminar toda a sociedade portuguesa, desde a base ao topo, sobretudo na capital e no Estoril, onde os serviços secretos alemães e britânicos, facilmente recrutavam informadores e colaboradores, junto de diferentes camadas da população portuguesa, mas igualmente no norte de Portugal, onde as populações procuravam enriquecer através do lucrativo contrabando de volfrâmio.

Mas, a par de Salazar, a personalidade que recebe particular atenção por parte de Lochery é o banqueiro do regime, Ricardo Espírito Santo, uma das personagens centrais desta narrativa, igualmente suspeito de germanofilia, ao ter recebido na sua residência em Cascais, por sugestão do ditador, o Duque e a Duquesa de Windsor, em 1940, após toda uma epopeia que traria o casal até Lisboa. (77-84) Durante a acidentada viagem, o ex-monarca foi alvo de pressões simultâneas de Winston Churchill e do governo britânico e, por outro lado, do governo alemão, que procurou por todos os meios fazê-lo regressar a Madrid e daí até território alemão, onde encontraria exílio, num gesto de capitulação. Sabe-se que o governo britânico envidou todos os esforços para fazer seguir os Windsor a breve trecho para Inglaterra, tendo Eduardo VIII caprichosamente resistido durante cerca de um

mês de estada em Portugal, até ter sido coagido por Churchill a obedecer ou, caso contrário, a ser julgado em tribunal militar por desobediência. Os Windsor acabariam por ceder e partir para o destino que os aguardava nas Antilhas, mais precisamente nas Bahamas, colónia britânica de que o Duque se tornaria governador.

Neill Lochery não deixa, por outro lado, de recordar que Ricardo Espírito Santo e o BES, bem como outras instituições bancárias portuguesas, mantiveram relações comerciais com a Alemanha até ao final do conflito, aceitando depósitos em ouro contaminado, que havia sido pilhado em nações ocupadas a instituições ou a particulares. (210-215) Na verdade, é sabido que, quando as suspeitas se transformaram em certezas e as pressões dos Estados Unidos, ocorridas entre Julho de 1943 e Agosto de 1944, se avolumaram, e quando os destinos do conflito anunciavam a vitória dos Aliados, os alemães simplesmente levantaram os seus depósitos e transferiram-nos do BES para o Banco Lisboa e Açores, situado no outro lado da rua. (206-209) O BES encontrou-se nestas circunstâncias na iminência de ser colocado numa lista negra internacional criada pelos americanos, da qual apenas conseguiu escapar incólume por via das diligências do embaixador britânico Ronald Campbell, que conhecia as estreitas ligações de amizade entre Salazar e Espírito Santo e temia repercussões políticas e represálias. Deste modo, em Maio de 1944, o banqueiro viria ainda que lenta e relutantemente a aceitar cooperar com os Aliados, percebendo que a guerra estava perdida e que as transações comerciais com a Alemanha teriam de ser suspensas. (219-222)

A guerra diplomática de bastidores envolvendo Salazar e os representantes diplomáticos portugueses em Londres e em Berlim viria a agravar-se a partir do momento em que a vitória dos Aliados se avizinhava no horizonte e em que americanos e ingleses exigiam do ditador a concessão de facilidades para a criação e utilização de bases nos Açores, tentando acelerar o final do conflito. (185-190, 191-193) O mesmo poderá ser dito acerca de uma outra vertente, a económica, quando Salazar contrariamente a todas as pressões e bloqueios se recusava a cessar as exportações de volfrâmio para a Alemanha, transacções comerciais que só seriam suspensas dois dias antes do Dia D.

Tais posições, que causaram um profundo desagrado entre americanos e britânicos, viriam a culminar após a queda de Hitler, à qual o Presidente do Conselho português reagiu enviando uma mensagem de condolências e mandando colocar a bandeira portuguesa a meia haste. A inflexibilidade e temor manifestados por Salazar perante um previsível equilíbrio de forças internacional que já então se delineava no horizonte, demonstram que o ditador se encontrava atavicamente apegado ao passado, mostrando-se incapaz de se retirar da cena política ou de ensaiar qualquer tipo de abertura (mesmo aparente) de um regime que continuaria a liderar por mais 23 anos.

Num momento histórico em que de novo se agigantam todos os perigos, com o surgimento no horizonte político internacional de novos candidatos a líderes autoritários e totalitários, e em que vagas de refugiados, jamais vistas desde a Segunda Guerra Mundial, buscam no Ocidente um porto de abrigo, obras de historiografia como *Lisbon*, não obstante a sua natureza "heterodoxa" dos pontos de vista acadêmico e científico, revestem-se na realidade da maior pertinência, sobretudo junto das camadas mais jovens de leitores, cujo conhecimento dos momentos mais negros de um passado ainda recente é reduzido ou nulo.